

GT 4: Estado, Desenvolvimento e Sustentabilidade

DA VÁRZEA À SOBERANIA

O futebol de várzea como potência para articular economia popular, identidade nacional e desenvolvimento

FROM THE FLOOR TO SOVEREIGNTY

Power to articulate popular economy, national identity, and development

Carla Monize Almeida Brito

RESUMO

O seguinte artigo propõe fazer uma discussão acerca do futebol de várzea como uma prática social que ultrapassa a dimensão esportiva ao articular economia popular, organização comunitária e resistência cultural nas periferias urbanas. Longe de se restringirem ao lazer, os campos de várzea funcionam como espaços de sociabilidade, aprendizagem, produção de identidades e exercício concreto da cidadania, mobilizando recursos coletivos e fortalecendo redes de solidariedade. À luz de autores como Furtado (2000), Sachs (2008), Santos (1996) e Lefebvre (2001), evidencia-se que a várzea opera como alternativa territorial e cultural ao modelo neoliberal excludente, promovendo autogestão, circulação econômica local e inovação social. Exemplos como o time da Marcone e a Fundação demonstram como iniciativas comunitárias integram identidade, economia e pertencimento, tornando o futebol de várzea um vetor de desenvolvimento local e soberania popular. Assim, compreender a várzea é reconhecer seu papel central como instrumento de inclusão social e transformação nos territórios periféricos.

Palavras-chave: futebol de várzea, desenvolvimento local, soberania cultural, economia popular, sustentabilidade.

ABSTRACT

The following article proposes a discussion on várzea football as a social practice that transcends the sporting dimension by intertwining grassroots economy, community organization, and cultural resistance in urban peripheries. Far from being merely leisure, várzea fields serve as spaces of sociability, informal learning, identity production, and concrete exercises of citizenship, mobilizing collective resources and strengthening networks of solidarity. Drawing on authors such as Furtado (2000), Sachs (2008), Santos (1996), and

Lefebvre (2001), the article demonstrates that várzea constitutes a territorial and cultural alternative to the exclusionary neoliberal model by fostering self-management, local economic circulation, and social innovation. Examples such as the Marcone and Fundação teams illustrate how community initiatives integrate identity, economy, and belonging, making várzea football a vector of local development and popular sovereignty. Thus, understanding várzea means recognizing its central role as an instrument of social inclusion and transformation within peripheral territories.

Keywords: várzea football, local development, cultural sovereignty, grassroots economy, sustainability

O futebol de várzea, tradicionalmente marginalizado nos debates sobre desenvolvimento, constitui uma prática social multifacetada que articula organização comunitária, economia popular e resistência cultural. Nas periferias, os campos de várzea mobilizam recursos coletivos, promovem torneios autogeridos e fortalecem redes de solidariedade, funcionando como vetores de desenvolvimento local, formação de identidades e exercício de cidadania. Nesse contexto, a várzea não se limita à dimensão esportiva; ela se apresenta como espaço de sociabilidade, aprendizagem, trocas econômicas e resistência cultural frente a processos de exclusão social.

Várzea são os terrenos próximos aos rios, e a expressão “futebol de várzea” tem sua origem em São Paulo, em campos que ficavam às margens do Rio Tietê. Mas aqui consideramos várzea como qualquer terreno onde o futebol respira, então o termo “várzea” se refere aos campos improvisados: terrenos mais pobres, às margens de rios ou em áreas operárias/periféricas, onde se jogava futebol costeando à urbanização. Com os anos a urbanização, o adensamento da cidade e a valorização imobiliária empurraram muitos desses campos para as periferias ou levaram ao fechamento.

Nesse artigo, nos dispomos a enxergar o futebol de várzea não apenas como um jogo, um espectáculo ou brincadeira, ele pode ser tudo isso é mais.

No Brasil futebol é cultura, faz parte de um campo de elaboração de símbolos, projeções de vida, construção de laços de coesão social, afirmação identitária e tensão criadora. Nossas maneiras de jogar bola e assistir os jogos dizem muito sobre as contradições, violências, alegrias, tragédias, festas e dores que nos constituíram (SIMAS, 2017)

Estima-se que na cidade de São Paulo existam mais de mil times não-profissionais de futebol de várzea masculinos e cerca de 95 femininos, embora esses números sejam aproximados, dada a constante dinâmica de surgimento e encerramento de equipes. Essa expressiva quantidade evidencia a relevância social e cultural do futebol de várzea, que se mantém como prática consolidada nas periferias paulistanas, não apenas como lazer ou esporte, mas também como espaço de organização comunitária e geração de redes sociais. Nesse sentido, a importância da várzea transcende o campo esportivo e se insere nas discussões sobre desenvolvimento local, e não há desenvolvimento nacional sustentável sem considerar as dimensões culturais e sociais que estruturam a vida das comunidades (FURTADO, 2000).

Sendo assim, iniciativas culturais periféricas, como o futebol de várzea, desempenham papel central em projetos que busquem integração social e fortalecimento comunitário, promovendo experiências de economia solidária e sustentável que oferecem alternativas concretas ao modelo neoliberal (SACHS, 2008). Esses campos estimulam não apenas o entretenimento, mas também a geração de emprego informal, a circulação de recursos econômicos dentro da comunidade e práticas de cooperação coletiva.

Além de suas funções sociais e econômicas, o futebol de várzea também desempenha papel central na apropriação do espaço urbano e na afirmação da identidade territorial das periferias. A perspectiva espacial é fundamental para compreender o papel da várzea no contexto urbano. E como a várzea estabelece seu território na periferia e, a periferia não é apenas espaço de desigualdades, mas também de inventividade social (SANTOS, 1996), os campos de várzea são exemplos claros de resistência à exclusão e à especulação imobiliária. A apropriação do espaço urbano é um direito social que se manifesta em práticas comunitárias e culturais (LEFEBVRE, 2001), posicionando a várzea como uma expressão de soberania cultural e territorial. A ocupação desses espaços demonstra que as periferias não apenas reproduzem desigualdades, mas também constroem soluções próprias, criam infraestrutura comunitária e exercem controle simbólico sobre seus territórios.

O futebol de várzea também se configura como estratégia de resistência frente aos efeitos excludentes do neoliberalismo. O neoliberalismo desarticulou os mecanismos de solidariedade e corroe os vínculos comunitários, impondo a lógica do capital financeiro até mesmo sobre a vida cotidiana (BELLUZZO E GALÍPOLO, 2017), ou seja, a prática da várzea atua como mecanismo de preservação da cooperação e solidariedade comunitária. A soberania de um país não pode se sustentar sobre bases excludentes; ela exige integrar aqueles que a lógica do mercado rejeita (BELLUZZO, 2017), mostrando como a várzea articula inclusão social, identidade coletiva e soberania popular, oferecendo alternativas a um modelo econômico que marginaliza populações periféricas. Nesse sentido, os campos de várzea tornam-se arenas onde a cidadania é exercida de forma concreta, não apenas como conceito legal, mas como prática cotidiana de pertencimento e participação social.

Um exemplo concreto dessa articulação entre futebol de várzea, economia e identidade é o time do Marcone e o time da Fundão. O time do Marcone foi fundado em meados da década de 1990 na periferia da Zona Norte de São Paulo, emergindo como uma das equipes mais representativas do futebol de várzea local. Desde sua criação, o time se destacou não apenas pelo desempenho esportivo nos torneios comunitários, mas também pelo papel central no fortalecimento da identidade comunitária e na promoção da economia popular. A fundão tem uma história semelhante, tendo sua fundação em 2001, na periferia da Zona Sul de São Paulo e também se consolidando como uma das equipes mais representativas do futebol local.

Ambos os times se transformaram em verdadeiras marcas locais, movimentando a economia da comunidade por meio da venda de produtos oficiais, como camisetas, bonés e acessórios personalizados, além de atrair patrocinadores locais e pequenos empreendedores que participam de eventos e campeonatos. A circulação de produtos consolida uma microeconomia comunitária, beneficiando comerciantes locais, fornecedores e patrocinadores, essa circulação econômica contribui diretamente para a geração de renda e emprego informal, consolidando as equipes como um vetores de desenvolvimento comunitário e empreendedorismo local.

Além da dimensão econômica, os times têm papel social e cultural significativo. Eles promovem o orgulho e pertencimento comunitário, reunindo moradores em torno de símbolos coletivos e fortalecendo os laços sociais. Os torneios organizados pelos times não apenas incentivam a prática esportiva, mas também funcionam como espaço de socialização, formação de redes de solidariedade e resistência cultural frente às desigualdades estruturais das periferias urbanas.

A trajetória desses times demonstra como o futebol de várzea pode articular economia, cultura e identidade, transformando-se em referência local de cooperativismo, cidadania e desenvolvimento social. Como exemplo de sucesso comunitário, a equipe inspira outras iniciativas culturais e esportivas, reforçando a importância de apoiar e reconhecer o potencial do esporte periférico como instrumento de inclusão social e fortalecimento de territórios historicamente marginalizados.

Além disso, cabe enfatizar o papel mediador do Estado, visto que o Estado deve atuar como mediador das crises e indutor de inclusão, pois o mercado sozinho não garante coesão social (BELLUZZO, 2020). Essa perspectiva evidencia que é necessário pensar a respeito de políticas públicas que reconheçam e apoiem a várzea podem transformar a prática em vetor de desenvolvimento justo e sustentável, promovendo o acesso à cultura, ao esporte e à economia popular, ao mesmo tempo em que fortalecem redes de solidariedade e inclusão social. A presença do Estado, seja por meio de incentivos a torneios comunitários, melhoria de infraestrutura ou apoio a iniciativas de economia solidária, contribui para consolidar a várzea como espaço de exercício da cidadania e fortalecimento comunitário.

A dimensão formativa do futebol de várzea também merece destaque, pois os campos periféricos funcionam como espaços de aprendizagem coletiva, desenvolvimento de habilidades esportivas e, em alguns casos, caminho para a profissionalização (GUEDES, 1988; DAMO, 2007). Além disso, o esporte contribui para a construção de disciplina, sociabilidade, cooperação e vínculos comunitários, desempenhando papel central na socialização dos indivíduos e no fortalecimento do tecido social local (ELIAS; DUNNING, 1992). Dessa forma, o futebol de várzea articula lazer, educação informal, economia popular e resistência cultural, funcionando como um verdadeiro espaço de desenvolvimento integral das comunidades periféricas.

Portanto, a análise do futebol de várzea revela que ele é muito mais que um esporte amador; trata-se de um vetor de desenvolvimento local, economia popular, resistência cultural e exercício de cidadania, articulando essas dimensões com políticas públicas, soberania e sustentabilidade social. Ao reconhecer e valorizar práticas culturais periféricas, é possível inspirar estratégias de desenvolvimento inclusivas e sustentáveis, fortalecendo o papel do Estado na promoção de alternativas ao modelo neoliberal dominante, enquanto se reafirma a importância da cultura, da identidade coletiva, da solidariedade e do empreendedorismo local como instrumentos de transformação social.

É evidente que o Estado reconhece a relevância do futebol de várzea. Um exemplo disso é o tombamento do “Parque do Povo” pelo CONDEPHAAT em 1995, a última praça de campos de várzea da capital paulista, com o objetivo de preservar um espaço em que as práticas do futebol de várzea estavam em situação residual, tornando-o um símbolo da memória esportiva popular. No entanto, em 2006, intervenções promovidas pela prefeitura de São Paulo, sob o pretexto de implementar um “novo projeto para o Parque do Povo”, resultaram na criação de

um ambiente que não apenas eliminou a tradição do futebol de várzea no local, como também levou à extinção de clubes históricos ali presentes.

E paralelamente, manifestações culturais como a exposição “Vozes da Várzea”, uma exposição temporária dedicada ao futebol amador e que buscava retratar o protagonismo popular e comunitário da várzea em São Paulo, estreou em 29 de novembro de 2024 e ficou até 27 de abril de 2025 em exibição na sede do Museu do Futebol, no Estádio do Pacaembu. Depois da exibição original, a exposição passou a circular fora da sede do museu, com uma versão itinerante que foi levada ao SESC Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo, área com forte tradição de várzea.

Entre os amantes do futebol é muito comum o uso da expressão “é muito mais que só um jogo”. E no Brasil, onde o futebol é uma paixão passada de pai para filhos, além de tudo dito anteriormente, futebol também é uma linguagem de afeto. Esse artigo foi produzido *in memoriam* de Antônio Tenório da Costa, técnico do time de várzea de Barueri denominado Audir, meu pai e quem me fez compreender que é muito mais que só um jogo.

Data de envio do artigo: 03/12

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo: UNESP, 2017.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. **Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo**. São Paulo: Contracorrente, 2017.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. **Economia brasileira virou bagunça liberal**. Vermelho.org.br, 26 dez. 2020. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/12/26/beluzzo-economia-brasileira-virou-bagunca-liberal/>. Acesso em: 30 set. 2025.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação: esporte e lazer no processo civilizador**. Lisboa: Difel, 1992.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996

14º

SEMINÁRIO
DE PESQUISA

FESPSP

Pensar o Brasil diante
dos desafios globais

05-07 de NOVEMBRO

SCIFONI, Simone. **Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo.**
Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, 2013.